



## O gênero questão interpretativa como ferramenta de ensino de leitura

Guilherme Rocha Duran<sup>1\*</sup> e Renilson José Menegassi<sup>2</sup>

<sup>1</sup>Programa de Pós-graduação em Linguística, Universidade Federal de São Carlos, Rod. Washington Luis, km 235, São Carlos, São Paulo, Brasil.

<sup>2</sup>Programa de Pós-graduação em Letras, Universidade Estadual de Maringá, Av. Colombo, 5790, Maringá, Paraná, Brasil. E-mail: guilherme.duran@uol.com.br

**RESUMO.** A aprendizagem da interpretação é negligenciada na esfera educacional, contrariando proposições teóricas da concepção interativa da linguagem. Os gêneros discursivos típicos do ambiente escolar – como as questões – não são, de modo geral, ensinados formalmente. Nossa proposta neste artigo é apresentar o gênero discursivo Questão Interpretativa enquanto ferramenta de aprendizagem da interpretação, levando em conta sua produção colaborativa entre interlocutores para a realização do texto-questão e do texto-resposta. Para tanto, apoiamos-nos nos pressupostos teóricos da Linguística Aplicada, respeitando a orientação teórica proposta pelo Círculo de Bakhtin de concepção de linguagem enquanto interação, bem como sua concepção sobre os gêneros do discurso e as orientações teórico-metodológicas da Análise Dialógica do Discurso, suportados ainda pelos pesquisadores respondedores a questões dessa natureza, como Menegassi, Sobral, Fiorin, Travaglia, Rojo etc. Nosso *corpus* constitui-se de um texto-questão e textos-respostas produzidos por professores em formação inicial do primeiro ano de Letras da Universidade Estadual de Maringá. Os resultados da investigação indicam que a interpretação configura a interação entre o sujeito que a produz e seu(s) interlocutor(es), os textos retomados no gesto interpretativo. Assim, a interação social ocorre através da interpretação, ratificando a Questão Interpretativa como ferramenta de aprendizagem dessa etapa da leitura.

**Palavras-chave:** gênero discursivo, questão interpretativa, ferramenta de aprendizagem.

### Speech genre interpretative question as a tool for the teaching of reading

**ABSTRACT.** Since the learning of interpretation is disregarded within schooling, it contradicts the theoretical propositions of the interactive concept of language. The typical speech genres of schooling, such as questions, are not formally taught. Current paper introduces the speech genre Interpretative Question as a learning tool for interpretation, due to its collaborative production between interlocutors for the production of question- and answer-texts. Analysis is foregrounded on the theories of Applied Linguistics, based on the theoretical orientation by the Bakhtin Circle for the interaction concept of language, on its concepts of speech genres and on the theoretical and methodological orientation of Dialogic Discourse Analysis. Current paper is also based on research by Menegassi, Sobral, Fiorin, Travaglia, Rojo and others. The *corpus* of current analysis comprises a question-text and an answer-text produced by teachers in initial formation in the first year of the undergraduate course of Language and Literature at the University of the State at Maringá, Maringá, Brazil. Results show that interpretation represents the interaction between the subject who produces it and his interlocutor(s), represented by the texts recovered within the interpretation. Social interaction is produced through interpretation and validates the Interpretative Question as a learning tool at this stage of reading.

**Keywords:** speech genre, interpretative question, learning tool.

### Introdução<sup>1</sup>

Este artigo é um dos diversos resultados alcançados em nossa pesquisa sobre a Questão Interpretativa, e o recorte que fazemos aqui busca explorar esse gênero discursivo enquanto ferramenta para a aprendizagem de leitura. A orientação teórica que elegemos para o

trabalho é a da Análise Dialógica do Discurso (ADD), que adota a concepção dialógica de linguagem, elaborada ao longo das obras do Círculo de Bakhtin. Assim como o autor russo e seus estudiosos, assumimos que a exterioridade linguística participa da produção dos enunciados, fornecendo muitas condições de produção para o enunciado, propagador dos discursos. Também compreendemos o fenômeno da dialogia como uma engrenagem das interações. A

<sup>1</sup> Artigo apresentado e com resumo publicado no 2º Colóquio Internacional de Estudos Linguísticos e Literários (CIELLI), realizado em Maringá, em junho de 2012.

partir dessa compreensão, valemo-nos dos conceitos de responsividade, de enunciado e de gênero discursivo, também cunhados dentro da teoria bakhtiniana. Para o estudo sobre a interpretação, pautamo-nos principalmente em Menegassi (1995, 2010), no que diz respeito às etapas da leitura.

O objetivo central que move este trabalho é a caracterização do gênero discursivo Questão Interpretativa, de modo a explorá-lo como ferramenta para a aprendizagem da leitura. Uma vez fundamentados pela ADD, para atingir tal objetivo, adotamos um posicionamento metodológico também pautado nela, ou seja, uma orientação que considere o fator dialógico, social e histórico da linguagem em diversos níveis da interação. Esboçado por Voloshinov (1926), a metodologia consiste em compreender o gênero analisado através de aspectos no nível discursivo e enunciativo, como podemos apreender a partir de contribuições de Sobral (2009), Rojo (2007) e Acosta-Pereira e Rodrigues (2010).

Sobral (2009) organiza a metodologia, orientando a análise em dois níveis distintos: o macrogenérico e o microgenérico. O primeiro compreende o plano discursivo, as relações mais amplas entre os elementos constituintes das condições de produção; o segundo refere-se à materialidade enunciativa, chegando até o nível textual. O autor orienta que tais critérios não devem ser tomados como ordenadores do olhar analítico, mas que eles se unem enquanto fundamentos que regem esse olhar, constituindo a análise no constante ir e vir entre os níveis, compreendendo a relação de responsividade entre eles.

O *corpus* utilizado neste trabalho foi coletado no contexto de formação docente inicial, no primeiro ano do curso de Letras-Português da Universidade Estadual de Maringá. Dentro da disciplina de Linguística, os professores em formação receberam orientação para ler determinados textos a respeito do tema 'concepções de linguagem'. Esses textos compõem uma coletânea, a ser constantemente referenciada pelos professores em formação em suas composições textuais. A partir da constituição discursiva do gênero Questão Interpretativa, elaboramos seis atividades, seis textos-questões desse gênero, que visaram interpretar exercícios retirados de um livro didático à luz das teorias sobre as concepções de linguagem estudadas. Duas questões abordaram a concepção de linguagem como expressão do pensamento, duas sobre a concepção de linguagem como instrumento de comunicação, e duas sobre a concepção de linguagem enquanto lugar da interação. Em todas elas, também apresentamos orientações de produção do texto-resposta com algumas etapas a serem desenvolvidas. Contudo, a realização dessas

etapas não foi obrigatória para as atividades sobre a concepção de linguagem como lugar da interação. Desse modo, os professores em formação produziram seis textos-resposta ao longo de toda a coleta do *corpus*. Em todas as produções de texto-resposta, os professores em formação deveriam basear-se nos textos da coletânea previamente discutidos para respaldar suas respostas. Essa orientação consta explicitamente no texto-questão. Para este artigo, retomamos apenas o texto-resposta da última atividade de dois participantes, como amostra representativa.

O artigo inicia-se pela discussão de alguns conceitos teóricos do Círculo de Bakhtin à luz da compreensão que a ADD faz deles. Desse modo, mostramos como a Questão Interpretativa se caracteriza teoricamente através da teoria bakhtiniana dos gêneros do discurso. Em seguida, retomamos estudos sobre a leitura, apresentados principalmente por Menegassi (1995, 2010), para compreender a etapa da interpretação e seu papel na aprendizagem de leitura enquanto uma ferramenta de aprendizagem.

### **Caracterização do gênero discursivo Questão Interpretativa**

#### **ADD e conceitos do Círculo de Bakhtin**

A teoria do Círculo de Bakhtin considera que o fenômeno da linguagem é regido pelo princípio da dialogia. Nesse sentido, delineamos alguns conceitos-chave a partir da abordagem dialógica, como: a interação, a responsividade, os gêneros discursivos e as esferas em que eles circulam. Enquanto apresentamos os conceitos, verificamos também como essa teoria se manifesta no gênero discursivo Questão Interpretativa.

Uma grande marca da ruptura advinda a partir do pensamento bakhtiniano é a concepção do papel da exterioridade linguística ante os estudos que visam a interpretar a linguagem. Bakhtin e Volochinov (1990[1929]) propõem uma concepção teórica que engloba a sociedade no recorte metodológico, pois compreende-se que é por meio da língua que se dão as interações humanas. O Círculo observa que a única maneira de se focar a linguagem é observá-la dentro de seu contexto de ocorrência. Isso implica levar em conta a situação comunicativa que possibilita o uso da língua, bem como seus participantes que, por sua vez, pertencem a um grupo socialmente organizado. Desprovidos dessas condições, não nos é possível observar a linguagem sem que ela perca sua propriedade enunciativa. Por isso, participam de nossa análise esses elementos extralinguísticos pertencentes ao contexto, como a posição social em que os participantes da pesquisa, professores de língua portuguesa em formação inicial, ocupam enquanto escrevem os textos solicitados pelo professor formador.

Diferentemente do que acontece com o objetivismo abstrato e com o subjetivismo idealista, a exterioridade linguística passa a receber grande relevância nos estudos orientados por essa vertente científica. O homem não pode dar à luz os atos de fala segundo critérios de sua vontade simplesmente. Ele depende de uma situação concreta de uso configurada num dado contexto social e histórico, que lhe possibilite uma enunciação precisa, válida. Esse contexto é verificado através dos discursos que são veiculados pelos textos. Consoante a isso, nosso trabalho também considera que o momento sócio-histórico contribui para a elaboração dos enunciados, de modo a costurar, no ato enunciativo, as impressões discursivas. Da mesma forma, elementos que constituem esse contexto social e histórico também são recuperados no decorrer de nossas análises, uma vez que eles contribuem para a produção enunciativa e para a produção de sentido. Em nossa pesquisa, o contexto é feito de aulas de Linguística, para professores em formação do primeiro ano do curso de Letras da Universidade Estadual de Maringá.

O dialogismo, princípio regente dos vários conceitos da teoria bakhtiniana, realiza-se pela relação entre o sujeito enunciativo e a sociedade em que atua, bem como sua história, em diversos níveis. Bakhtin (2010[1979]) coloca este conceito como um princípio interno da palavra que extrapola os limites da comunicação em voz alta para compreender toda a comunicação verbal. De acordo com as ideias do filósofo, a palavra é orientada para o outro, responde à palavra do outro, toma a palavra do outro como parte de sua própria palavra, dialoga e constitui-se a partir de outras palavras. Exemplificamos o conceito a partir de Fiorin (2006). O autor nos mostra que enunciar não é apenas dizer um dado da realidade. Quando alguém diz 'É mulher', com admiração, opõe-se ao discurso machista que a vê em situação inferior ao homem. "O discurso com apreciação admirativa dialoga com o discurso de entonação desdenhosa, um constitui-se a partir do outro" (Fiorin, 2006, p. 20).

Como vemos na exemplificação de Fiorin (2006) sobre o diálogo entre os discursos apreciativo e depreciativo da mulher, o dialogismo garante aos usuários de uma língua o contato não só com o interlocutor mais próximo, mas também com os discursos que os constituem. O interlocutor e sua experiência de vida, os discursos que o permeiam, também são parte das condições de produção de um enunciado. Dessa maneira, os enunciados possuem como característica um acabamento específico que lhes garante a possibilidade de resposta.

Por meio da organização dialógica do discurso, a responsividade compreende que o enunciado é produzido por um sujeito e direcionado para outro,

respondendo diretamente ao interlocutor presente no momento da enunciação, bem como aos discursos que ele recupera. Bakhtin e Volochinov (1990[1929]) ensinam isso ao demonstrar que toda palavra comporta 'duas faces': preceder de alguém e direcionar-se para alguém, sendo ela o produto da interação dos interlocutores envolvidos na enunciação, de modo que essa palavra, o discurso, ou o ato enunciativo, torna-se o local em que a interação entre os sujeitos se dá. Como apontam Bakhtin e Volochinov (1990[1929], p. 107), "A palavra é o território comum do locutor e do interlocutor".

Desse modo, o provável enunciativo de 'É mulher', no exemplo de Fiorin (2006), dialoga com seu interlocutor direto no sentido mais estrito da interação, e também com os discursos que possibilitam delimitar o sentido de seu enunciado dentro do contexto em que ocorreu, sendo este um diálogo em sentido mais amplo, no nível do discurso. Podemos compreender que esse diálogo se dá no macronível do evento dialógico, como propõe Sobral (2009).

Quanto ao diálogo em seu sentido estrito, Bakhtin e Volochinov (1990[1929]) referem-se a ele como uma representação clássica da comunicação verbal, pois cada réplica possui um acabamento específico que ao mesmo tempo em que expressa a posição do locutor em relação ao tema abordado, também possibilita, ou ainda, instiga seu interlocutor a responder. Esse diálogo acontece no micronível do evento dialógico e refere-se ao plano enunciativo e ao textual.

O diálogo organiza a atuação de sujeitos que interagem entre si por meio da língua que compartilham socialmente. Por ser uma das formas mais primitivas da comunicação, ele apresenta, de maneira simples, como cada enunciado dentro de um evento interativo transpõe uma ideia completa, possui um acabamento específico que revela a posição do locutor e oferece subsídios para uma resposta. Dessa forma, ele atua como um jogo de respostas entre ao menos dois interlocutores. Se cada enunciado possui um acabamento específico que lhe permita ser respondido, a responsividade é um fenômeno oriundo do dialogismo.

A interação entre os locutores ou entre os discursos organiza-se a partir do aspecto responsivo da linguagem, característica inerente ao dialogismo. Para o Círculo de Bakhtin, todo enunciado responde a um ou mais enunciados anteriores, graças ao acabamento específico dado a ele, assim como vemos explicitamente no gênero discursivo Questão Interpretativa. Para ilustrar o efeito do dialogismo e da responsividade em diversos níveis na produção textual do *corpus*, observamos o texto-questão da última atividade (Figura 1) e a produção do texto-resposta de um dos participantes da pesquisa.

### Questão interpretativa

Sugestão: Professor, o terceiro passo (pág. 217) da seção *Produzindo textos* poderá ser iniciado neste momento.

TRABALHANDO A GRAMÁTICA

## PRONOMES PESSOAIS OBLÍQUOS

### IDENTIFICANDO

1. O cartão ao lado apresenta uma mensagem que reflete o desejo do emissor. Leia-o.

2. Com base nos dizeres do cartão, responda.

a) Quem deve ser guardado juntinho ao coração?

*A pessoa que escreveu o cartão.*

b) Que palavra, no texto, substitui e se refere a essa pessoa?

*A palavra me.*

3. Agora, leia os pares de orações.

- Eu amo Fernanda.
- Encontrei o menino da festa no cinema.
- Eu a amo.
- Encontrei-o no cinema.

a) Que palavras substituem “Fernanda” e “o menino da festa” nas orações? A que classe gramatical pertencem?

*a e o; pronomes*

b) Os termos “Fernanda” e “o menino da festa” completam o sentido dos verbos. Que função sintática esses termos exercem?

*A função de objeto direto.*

c) E os pronomes *a* e *o*, que os substituem, também são complementos verbais? Justifique.

*Sim, porque exercem a mesma função sintática desses termos.*

201



Figura 1. Texto-questão (Beltrão & Gordilho, 2006, p. 201).

Texto-resposta

Participante 24

No exercício do livro: O exercício do livro [sic]: Beltrão, E. S. Gordilho, T. Novo diálogo: Língua portuguesa, 6ª série 7º ano, São Paulo: FTD, 2006. Vemos a concepção de linguagem interacionista porque há características como: o diálogo é tomado caracterizador da linguagem (Perfeito, 2005), pois o que mostra o cartão se refere ao leitor, como um possível diálogo, comprovado pela letra A do exercício: ‘Quem deve ser guardado juntinho ao coração’ Já no n. 2 do exercício: ‘Com base nos dizeres do cartão, responda’. Comprova a característica: Possibilita ao aluno o contato com vários modos de falar e escrever, a serem utilizados de acordo com a situação (Perfeito, 2005), pois esse exercício mostra ao aluno um modo diferente de escrever aonde só uma frase foi suficiente para a situação. Outra característica: o texto é tomado como manifestação concreta do discurso (Perfeito, 2005; Travaglia, 1996) é comprovado pelo n. 1: ‘O cartão ao lado apresenta uma mensagem que reflete o desejo do emissor. Leia-o’, o que mostra que a linguagem do cartão reflete o discurso do autor, seu desejo. A penúltima característica a linguagem como forma de interação é essencialmente argumentativa (Perfeito, 2005), se relacionando com o exercício

#### Atividade 6

Exercícios sobre concepções de linguagem no ensino de língua materna

É apresentado um exercício sobre a concepção de linguagem interacionista presente em exercícios de livro didático de língua materna. Para o exercício, você deverá:

- a) identificar, pelo menos, cinco características teóricas sobre a concepção que se enquadrem no exercício, retiradas dos textos teóricos estudados;
- b) relacionar cada uma das características com o exercício do livro didático;
- c) apontar os autores a que se referem cada uma das características teóricas;
- d) apresentar exemplos, entre aspas, de partes do exercício, que comprovem as características relacionadas.

A produção textual de sua resposta deve ser organizada a partir da composição estrutural do gênero resposta interpretativa:

- tema
- identificação das características teóricas;
- relação das características teóricas com os exercícios;
- apontamento dos autores para cada característica escolhida;
- exemplificação das características teóricas a partir dos exercícios.

pois esse traz uma fora de interagir, o que podemos ver no n. 2, letra B: ‘Que palavra, no texto, substitui e se refere a essa pessoa’. A última característica: Discurso, gênero e texto não são mais possibilidade de explicação dos fenômenos básicos das frases (Perfeito, 2005), pois a frase dá a informação pretendida sem necessidade de classificação, o que podemos ver no próprio cartão ‘guarde-me juntinho ao coração’.

O acabamento do texto-questão incita uma resposta por parte do professor em formação. Esse acabamento específico desperta a responsividade em seu interlocutor. No sentido mais amplo, em que os participantes se colocam socialmente como professores em formação, esse posicionamento discursivo ajuda-os a compreender a necessidade de produzir a resposta ao questionamento do professor. Esse fator extratextual, pertencente ao contexto, contribui para o acabamento do enunciado, de modo a permitir-lhe que seja respondido. Outra observação que fazemos é que, uma vez que o texto-questão apresenta muitos elementos orientadores da produção do texto-resposta, essas orientações também se configuram como parte do acabamento do enunciado,

dessa vez, no sentido mais estrito, no nível enunciativo. É respondendo a esse caráter específico que o professor em formação apresenta um texto-resposta que tenta suprir as orientações dadas pelo texto-questão. Do mesmo modo, o texto-resposta possui um acabamento específico que realiza a produção feita segundo as orientações do texto-questão, permitindo a interação entre os sujeitos professor-formador e professor em formação. Se o participante consegue realizar o solicitado pelo texto-questão, o professor formador adota o que Bakhtin (2010[1979]) delimita como posição responsiva em relação ao desempenho do professor em formação, avaliando-o de modo positivo. Como podemos observar, o texto, o enunciado e o discurso operam concomitantemente em diversos níveis. Por isso, a metodologia proposta por Sobral (2009) de produção de uma análise que considere concomitantemente ambos os níveis de interação é fortemente explorada nesta pesquisa. Consolida-se, assim, uma grande rede de responsividade, colocando em atividade a máquina dialógica, que abarca desde discursos que dialogam entre si na abstração do pensamento humano até a concretude da enunciação.

Machado (1999) explica que um mesmo objeto é visto por pessoas diferentes e, portanto, de lugares sociais também diferentes. Contudo, sua leitura não se restringe tão simplesmente à perspectiva deste ou daquele observador. O processo constitui-se da visualização prévia daquilo que o outro também enxerga do objeto. Essas pressuposições delineiam a produção do enunciado do locutor. São esses os posicionamentos alheios que ele levará em conta para decidir suas estratégias enunciativas e conseguir agir sobre o outro, de forma a provocar-lhe uma resposta, uma atitude responsiva. A própria projeção que o locutor faz para produzir seu enunciado já se caracteriza como uma resposta àquilo que ele considerou como relevante na leitura prévia que realizou de seu interlocutor.

O gênero discursivo Questão Interpretativa reflete a constituição mais primitiva do diálogo, uma vez que também se caracteriza pelo par pergunta-resposta. Em resposta a essa condição, o gênero que discutimos aqui obedece ao modelo padrão do diálogo. No nível mais imediato ao ato enunciativo, as vozes do professor formador (texto-questão) e do professor em formação (texto-resposta) mantêm uma relação dialógica e, portanto, responsiva entre si. Por meio do acabamento específico dado ao texto-questão, a produção do texto-resposta se orienta a partir do que o texto-questão solicita, ocupando uma posição responsiva e encandeando-o na cadeia enunciativa.

Dessa forma, o professor em formação inicia o texto-resposta, unindo discursivamente sua produção ao texto-questão, por meio de escolhas lexicais que expressem a observação do exercício do livro didático a partir de teorias sobre algumas concepções de linguagem, como vemos a seguir.

O texto-questão apresenta determinadas orientações para a produção do texto-resposta, que podem ajudar o professor em formação a iniciar o desenvolvimento da escrita dela. Observemos o excerto seguinte:

A produção textual de sua resposta deve ser organizada a partir da composição estrutural do gênero resposta interpretativa: tema; identificação das características teóricas; relação das características teóricas com os exercícios; apontamento dos autores para cada característica escolhida; exemplificação das características teóricas a partir dos exercícios (Beltrão & Gordilho, 2006, p. 201)

Essas orientações refletem a organização da escrita do texto-resposta, produzido pelo professor em formação. No caso do Participante 24, ele produziu a introdução ao tema no início de seu texto-resposta, adotando, assim, uma posição responsiva: a) em relação às orientações apresentadas pelo texto-questão; b) em relação aos textos que compõem a coletânea; c) em relação ao professor formador, que solicita a produção do texto-resposta a partir de seu texto-questão e suportados pelo contexto em que a interação se dá.

O exercício desencadeia uma atitude responsiva no micronível, perceptível na superfície textual da resposta do Participante 24. Ao iniciar sua produção pela delimitação do tema, ele adota uma posição responsiva ativa em relação às orientações presentes no texto-questão:

No exercício do livro: O exercício do livro: Beltrão, E. S. Gordilho, T. Novo diálogo: Língua portuguesa, 6ª série 7º ano, São Paulo: FTD, 2006. Vemos a concepção de linguagem interacionista...

No macronível, o texto-resposta também se manifesta dialogicamente e, portanto, responsivamente em relação aos textos da coletânea, conforme explora o item b) descrito. A partir das orientações no texto-questão, o participante dialoga explicitamente com os autores da coletânea dos textos previamente lidos e discutidos com o professor da disciplina, articulando-os, de modo a dar força ao seu projeto de discurso, adotando também uma posição responsiva em relação a eles. Esse diálogo torna-se saliente na superfície do texto, pois há presença de autores dos textos da coletânea referenciados no texto-resposta, como o participante que retoma Perfeito e Travaglia.

Ainda no macronível da linguagem, paralelo ao diálogo com os autores do texto da coletânea, o professor em formação também adota uma posição responsiva em relação ao professor formador. O participante lê, não no texto-questão, mas no contexto, na materialidade extratextual, o projeto de discurso do professor formador. Através do contexto mais amplo, o de professor formador e professor em formação em situação de aprendizagem, o participante entende que o professor formador tem por projeto discursivo mensurar sua compreensão acerca dos assuntos propostos. Assim, o professor em formação adota, em seu projeto de discurso, a necessidade de demonstrar ao professor formador o domínio sobre os saberes discutidos a partir da coletânea de textos. Desse modo, professor formador e professor em formação negociam a mensuração da leitura dos textos da coletânea por meio do gênero discursivo Questão Interpretativa.

É importante observar que a análise que apresentamos explora a responsividade proposta por Bakhtin e Volochinov (1990[1929]). Também acrescentamos que a responsividade não ocorre somente em um único nível. O macronível e o micronível também estabelecem uma relação responsiva entre si.

O exemplo aqui explorado demonstra a engrenagem dialógica entre os produtores do texto-questão e do texto-resposta, entre o produtor do texto-resposta e os autores da coletânea de textos, fazendo emergir desses diálogos a interação entre esses sujeitos por meio do texto. Como veremos mais adiante, o texto-questão orienta a produção do texto-resposta cujo tema é o gesto interpretativo.

Ainda podemos verificar a interação que ocorre entre professor formador e professor em formação. Se o projeto de discurso do primeiro é avaliar a aprendizagem da interpretação, bem como a compreensão do conteúdo trabalhado nos textos da coletânea, é de interesse do professor em formação demonstrar a aquisição do domínio dos tópicos teóricos trabalhados. A possibilidade de relação dialógica em todos os níveis apresentados através deste exemplo constitui o âmago das condições de produção.

O efeito dialógico considera necessariamente as condições de produção que possibilitam ao enunciado ser válido num determinado domínio da atividade humana. Ou ainda, o enunciado só tem efeito dentro de um contexto porque ele parte desse próprio contexto para ser elaborado e realizado. Assim, como vemos a partir do exemplo de Fiorin (2006), o dialogismo engrena a interação direta entre os interlocutores em sentido estrito (micronível) e a interação entre os discursos em sentido amplo

(macronível). A força motriz da relação entre a língua e a sociedade é, portanto, uma expressão do dialogismo, em sentidos estrito e amplo, simultaneamente.

Uma maneira de observar os reflexos destas interações em diversos sentidos no texto-resposta é explorando os excertos que explicam a teoria ou a relação entre o livro didático e os textos teóricos da coletânea. Para ilustrar esse processo, apresentamos o texto-resposta à mesma Questão Interpretativa elaborado por outro participante da pesquisa.

Texto-resposta

Participante 8

Na concepção de linguagem como forma de interação, o que o indivíduo faz ao usar a língua não é tão-somente traduzir e exteriorizar um pensamento, ou transmitir informações a outros, mas sim realizar ações, agir, atuar sobre o interlocutor (Travaglia, 1996). Essa primeira característica está presente no exercício pois o autor incita o leitor – aluno a agir, cria situações em que o mesmo tem que atuar como interlocutor para assim ir completando o exercício, como por exemplo: ‘O cartão ao lado apresenta uma mensagem que reflete o desejo do emissor. LEIA-O’. Ainda segundo Travaglia (1996), a linguagem como forma de interação permite que o texto, o leitor e o professor interajam, produzindo várias leituras pelo diálogo de maneira oral ou escrita. Ou seja, a um trabalho interacionista entre o texto e o aluno, uma vez que o professor possui a fundamental função de ‘mediador do ensino’. Essa segunda característica se enquadra no exercício pois percebemos a interação contínua desses elementos. Por exemplo: 2- Com base nos dizeres do cartão responda.’ Aqui o aluno obedece o exercício utilizando os ensinamentos obtidos pelo professor. Travaglia (1996) também diz que a linguagem é lugar de interação humana, de interação comunicativa pela produção de efeitos de sentido entre interlocutores, em uma dada situação de comunicação e em um contexto sócio-histórico e ideológico. Essa terceira característica diz que a linguagem é vista como interação humana, comunicativa com vários efeitos de sentido entre interlocutores. Percebemos isso pelo elo na comunicação dos enunciados, pela interação existente entre aluno, livro didático e professor. Exemplo: (As duplas apenas para citação direta) ‘a) Que palavras substituem ‘Fernanda’ e o ‘menino da festa’ nas orações? A que classe gramatical pertencem? c) E os pronomes a e o, que os substituem, também são complementos verbais? Justifique. Outra característica dessa concepção é a que implica numa postura educacional diferenciada, uma vez que situa a linguagem como o lugar de constituição de relações sociais, onde os falantes se tornam sujeitos. (Geraldi, 1997). Essa quarta característica defende a noção de construir interações entre indivíduos. No exercício percebemos na

ligação de cada enunciado, percebemos também na forma como cada enunciado é escrito, as comparações existentes. Como por exemplo: 'Agora leia os pares de oração'. Por fim Travaglia (1996) diz que o exercício estabelece uma comunicação dinâmica e interacional. Essa característica se enquadra no exercício da página 201 pois percebemos essa dinâmica e interação desde a sala de aula para os exercícios do livro didático.

O texto do Participante 8 iniciou-se pela apresentação da primeira característica levantada, referenciada ao texto da coletânea produzido por Travaglia (1996) e sua interpretação com base no exercício retirado do livro didático, tendo a ideia fechada pela apresentação do exemplo, conforme orientado pelo texto-questão. A primeira parte do texto-resposta desse participante cumpre com êxito o exercício da leitura interpretativa do exercício do livro didático, sendo responsivamente ativo e dialogicamente orientado em relação ao texto-questão. Ao mesmo tempo, interpelado pela sua posição em relação ao seu interlocutor direto, o professor em formação, no contexto em que a enunciação se dá, avaliação de sua compreensão dos textos de apoio bem como o desenvolvimento do gesto interpretativo, o participante também lança mão de estratégias diretamente responsivas e essas implicações do contexto. Se, por um lado, é através da interpretação do exercício à luz do aporte teórico específico que a interação se dá, por outro, a legitimação da compreensão dos textos da coletânea pode aflorar no texto-resposta em forma de explicações dos pontos teóricos selecionados. Dessa maneira, o gênero discursivo Questão Interpretativa desempenha um papel de negociador, de mediador da interação, tornando-se uma ferramenta facilitadora da aquisição de um saber. Observemos o seguinte excerto da produção do Participante 8:

Travaglia (1996) também diz que a linguagem é lugar de interação humana, de interação comunicativa pela produção de efeitos de sentido entre interlocutores, em uma dada situação de comunicação e em um contexto sócio-histórico e ideológico. Essa terceira característica diz que a linguagem é vista como interação humana, comunicativa com vários efeitos de sentido entre interlocutores. Percebemos isso pelo elo na comunicação dos enunciados, pela interação existente entre aluno, livro didático e professor. Exemplo: a) Que palavras substituem 'Fernanda' e o 'menino da festa' nas orações? A que classe gramatical pertencem? c) E os pronomes a e o, que os substituem, também são complementos verbais? Justifique.

O participante apresenta uma característica teórica retirada de Travaglia (1996) e a encadeia com

uma explicação: "Essa terceira característica diz que a linguagem é vista como interação humana, comunicativa com vários efeitos de sentido entre interlocutores" (Participante 8). A produção do excerto não havia sido solicitada pelo texto-questão. No entanto, o participante adota uma posição responsiva dentro do nível macrogenérico da interação, procurando mostrar ao seu interlocutor, o professor-formador, que houve a compreensão do conteúdo teórico focado nos textos da coletânea. Assim, se essa responsividade pode ser detectada e manifesta no texto-resposta, então podemos afirmar que os textos são responsivos não apenas dentro de cada nível, mas também entre os níveis macro e microgenéricos, como já observados na análise do texto-resposta do participante anterior. No texto escrito, podemos encontrar evidências dessa atividade responsiva. Fica explícito, então, que as condições de produção de um enunciado manifestam-se nos textos por meio da responsividade, realizando o projeto dialógico da linguagem, pois, no micronível, o enunciativo, adota uma posição responsiva ativa orientada às condições de produção expressas no macronível, compreendida pelo papel que os interlocutores desempenham naquele dado momento sócio-histórico.

Bakhtin (2010[1979]) nos ensina que os enunciados são elos numa cadeia ininterrupta da comunicação verbal. O autor defende que toda enunciação responde a uma enunciação anterior e será respondida por uma procedente. O dialogismo ocorre em um determinado contexto através do caráter responsivo da linguagem. Texto-questão e texto-resposta dialogam, de modo a demonstrar a interpretação realizada por parte do produtor do texto-resposta. Na análise macrogenérica, as posições professor formador e professor em formação negociam a aprendizagem do último por meio da produção do texto-resposta. A negociação dessa aprendizagem orienta a interação, reflexo do dialogismo em funcionamento, e os gêneros do discurso são o local em que essa interação se dá. Assim, o professor em formação deixa transparente em sua produção que ele reconhece a interpretação como força motriz de sua produção textual. É dos textos da coletânea que o professor em formação deve mostrar apropriação por meio da interpretação. Para dar força ao argumento que confirma tal aprendizagem, o participante também insere um excerto explicativo em seu texto-resposta. O que temos é a responsividade entre os níveis macro e microgenéricos, ou ainda, manifestações textuais da responsividade macrogenérica.

Toda essa dinâmica regida pelo efeito dialógico da linguagem propicia todas as condições para que a

interação entre os sujeitos ocorra de modo satisfatório. Essa dinâmica dialógica que permite que eles interajam entre si organiza-se segundo objetivos específicos daquela enunciação. Cada objetivo na troca dialógica gera uma organização enunciativa distinta. Essa organização é o que Bakhtin (2010[1979]) nomeia como gêneros do discurso. Para o filósofo russo, o enunciado se manifesta no plano discursivo como um gênero.

#### **A questão interpretativa enquanto gênero do discurso**

Para caracterizar o gênero discursivo, também retomamos a compreensão acerca da teoria do Círculo de Bakhtin que a Análise Dialógica do Discurso retoma. Os gêneros discursivos são caracterizados por viabilizar a dinâmica social, por propiciar e organizar a interação. Eles são apreendidos como o local da produção de sentidos, a estrutura para a ação social. O sujeito consegue intervir em um contexto a partir de seu enunciado, por sua vez materializado em um texto, correspondente a um determinado gênero discursivo que lhe possibilite tal intervenção. Eles não podem ser desvinculados do contexto social, cultural e histórico em que ocorrem, pois são frutos do trabalho coletivo e, portanto, social.

Os gêneros discursivos podem ser compreendidos como estratégias enunciativas capazes de realizar intervenções no meio social e momento histórico em que ocorrem. Esse momento sócio-histórico se configura como as condições de produção do enunciado e é nomeado por Bakhtin (2010[1979]) de esfera da atividade humana.

Todos os campos da atividade humana apresentam uma gama de textos que ocorrem com grande frequência, textos tais que são manifestações concretas dos gêneros discursivos. Por exemplo, a nota fiscal, o orçamento, o pedido de compra, o recibo e muitos outros são típicos da esfera comercial; assim como na esfera educacional temos o artigo, o resumo, o capítulo de livro, a dissertação, a tese, o livro de chamadas, a conferência, a palestra, o boletim, a questão e outros. Cada esfera elabora seus tipos de enunciados mais comuns e eficazes, que são estabelecidos por padrões de objetivos para com o texto, levando-se em conta o contexto em que ele circula.

Se até aqui apresentamos alguns conceitos bakhtinianos, como o dialogismo, a responsividade e o enunciado, explicando-os com base na Questão Interpretativa, resta-nos terminar essa seção compreendendo que ela se caracteriza como um gênero discursivo válido dentro da esfera educacional. Se é através do gênero discursivo que a ação enunciativa se molda, a Questão Interpretativa

organiza a interação entre professor formador e professor em formação. Os gêneros correspondem a enunciados mais ou menos fixos dotados de objetivos específicos dentro de uma dada esfera. O gênero Questão Interpretativa corresponde a esse conceito, e tem por objetivo intermediar a interação entre professor formador e professor em formação, em situação de o primeiro verificar a aquisição de um determinado saber por meio da interpretação.

A Questão Interpretativa molda a interação de modo preciso, fazendo com que o interlocutor reaja responsivamente em relação ao produtor do texto-questão. Todas as interações dentro de cada nível, seja ele micro ou macro, e todas as que ocorrem entre os níveis também são organizadas em um único feixe enunciativo. O gênero discursivo não é uma manifestação textual, porque alguns elementos que o compõem dizem respeito ao plano discursivo e ao campo extratextual. Assim o é a Questão Interpretativa, que afina a interação entre a) professor em formação e professor formador; b) professor em formação e textos da coletânea; c) professor formador e textos da coletânea, simultaneamente por meio dessa organização da interação promovida pelo gênero discursivo.

Uma vez caracterizada a Questão Interpretativa como gênero discursivo, passamos a compreendê-la como uma ferramenta de ensino. Na mesma ocasião, também delimitamos como a interpretação contribui para o objetivo específico do gênero aqui discutido – verificar a aquisição de um saber pelo uso que o aprendiz faz da interpretação.

#### **A Questão Interpretativa como ferramenta de ensino de leitura**

O gênero discursivo Questão Interpretativa se enquadra como uma ferramenta de ensino da leitura, principalmente porque este gênero trabalha com todos os níveis de leitura pelos quais devem passar os leitores professores em formação. Antes de explorar a especificidade do gênero aqui discutido, retomamos as etapas da leitura e a dinâmica entre elas, de modo a resultar na aprendizagem.

Para Menegassi (1995, 2010), a leitura se dá em quatro etapas: decodificação, compreensão, interpretação e retenção. A primeira etapa é a apreensão dos elementos gráficos do texto, e a compreensão do texto se dá somente em níveis muitos superficiais da produção de sentido. Essa etapa é a base para que a leitura da compreensão aconteça.

Compreender, de acordo com Cabral (1986 apud Menegassi, 1995, p. 87),

[...] é captar sua temática; é reconhecer e captar os tópicos principais do texto; é reconhecer as regras sintáticas e semânticas da língua usada; é conhecer as

regras textuais; é poder depreender a significação de palavras novas, é inferenciar [...]

enquanto a etapa da interpretação é entendida como “[...] a fase de utilização da capacidade crítica do leitor, o momento em que faz julgamentos sobre o que lê” (Cabral, 1986 apud Menegassi, 1995, p. 87). Menegassi (1995, 2010) ainda explica que, pelo fato de a interpretação depender da bagagem de conhecimentos prévios que o leitor tem, diversas leituras são possíveis, tantas quantas forem diferentes as pessoas e os momentos em que elas leem o texto. Silva (1998) apresenta definições semelhantes. Para ela, a interpretação também é um ato idiossincrático, mas consiste em desvelar os sentidos ocultos no texto através das informações emergentes na etapa da compreensão. Ou seja: a compreensão está, também, para a estrutura superficial do texto, enquanto a interpretação está para a busca dos sentidos ‘escondidos’ nos sentidos produzidos, na abstração do pensamento humano.

A etapa da retenção consiste em reter o conhecimento produzido pelas etapas da compreensão e da interpretação, como ensina Menegassi (1995), de modo que esse saber possa ser recuperado e analisado, empregado de outras formas. Ou seja, essa etapa é o resultado final do processo de leitura, o que associamos à aprendizagem, neste trabalho. Compreendemos, aqui, aprendizagem como a obtenção de um saber através da leitura.

A compreensão e a interpretação são duas etapas que ocorrem durante o processo de leitura. Damos grande destaque ao papel da compreensão e ao da interpretação porque a ocorrência dessas duas etapas determina a produção textual do professor em formação. A etapa da compreensão pode ser caracterizada pelo movimento de leitura que toma, como aspectos fundantes dos sentidos, elementos encontrados no texto. Essa etapa fornece subsídios para que a etapa seguinte, a da interpretação, tenha elementos bastantes para que o leitor possa extrapolar a materialidade textual e relacionar aquilo que o texto apresenta com as informações que ele possui em sua bagagem cognitiva, ou ainda com aquilo que ele acumulou por meio da retenção de leituras anteriores.

A etapa da interpretação consiste no jogo entre as informações contidas no texto e as informações da bagagem cognitiva do leitor, como saberes obtidos mediante a retenção de outras leituras. Para ilustrar, retomamos o excerto inicial do texto-resposta produzido pelo Participante 24.

No exercício do livro: O exercício do livro: Beltrão, E. S. Gordilho, T. Novo diálogo: Língua portuguesa, 6ª série 7º ano, São Paulo: FTD, 2006. Vemos a

concepção de linguagem interacionista porque há características como: o diálogo é tomado caracterizador da linguagem (Perfeito, 2005), pois o que mostra o cartão se refere ao leitor, como um possível diálogo, comprovado pela letra A do exercício: ‘Quem deve ser guardado juntinho ao coração’.

O exercício do livro didático é retomado em duas situações diferentes, como mostra o excerto. No início, temos a apresentação do texto a ser interpretado, e também sua retomada através do exemplo citado pelo participante. A bagagem cognitiva, ou, neste caso, a coletânea de textos também se manifesta no texto-resposta devido à citação direta de Perfeito (2005). Se a interpretação joga com o texto lido, o exercício do livro didático, a bagagem cognitiva e a coletânea de textos, os elementos estão presentes, favorecendo a produção do gesto interpretativo. Em ‘pois o que mostra o cartão se refere ao leitor, como um possível diálogo’, temos uma aproximação discursiva daquilo que está presente na coletânea de textos com o livro didático. Esse é o ápice da interpretação, o encontro entre os textos, entre as vozes, representantes deste e daquele discurso, legitimado pela leitura do participante da pesquisa.

A qualidade da interpretação produzida está diretamente relacionada à qualidade da retenção que o leitor faz do texto retomado da bagagem cognitiva/coletânea de textos. A retenção, por sua vez, também depende da qualidade da compreensão e da interpretação realizada. Ou seja, se a coletânea de textos não está bem compreendida, clara, para o participante da pesquisa, a qualidade de sua interpretação também reflete essa condição, respeitando a engrenagem dialógica proposta pelo Círculo de Bakhtin. Essas observações dizem respeito ao nível macrogenérico, e também possuem um reflexo no nível microgenérico. A compreensão que o participante faz do texto de Perfeito (2005) está expressa pela escolha do filtro a ser utilizado na interpretação. Se o filtro selecionado é ‘diálogo enquanto caracterizador da linguagem’, vemos que a compreensão do que entende por ‘diálogo’ neste contexto social e histórico não é explícita, uma vez que, entre os elementos para justificar tal evento dialógico, o participante ressalta o possível escritor e leitor do cartão trabalhado no exercício do livro didático. Neste caso, a interpretação não funde totalmente os discursos do livro didático e de Perfeito. Se fosse o gênero diário íntimo a ser interpretado à luz da característica teórica retomada de Perfeito (2005), o participante não encontraria leitor e escritor com a mesma lógica utilizada no cartão. Isso nos mostra que a compreensão de

diálogo que o participante faz está ainda no nível da enunciação, e não entre os discursos veiculados nos eventos dialógicos. Por isso, a qualidade da interpretação não se dá de modo mais complexo.

A interpretação também possibilita que o leitor se posicione de maneira crítica em relação àquilo que lê. No exemplo do participante 24, a crítica manifesta-se pela avaliação que ele apresenta do livro didático. Esse criticismo resulta de um olhar mais analítico do objeto a ser interpretado, olhar este orientado pelas vozes dos textos da coletânea. Esses elementos acabam por ser mais familiares ao participante, pois ao lidar com eles, o professor em formação também os transfere para a etapa da retenção.

Como já discutimos, o formato em que a Questão Interpretativa se apresenta recupera o modo mais tradicional do diálogo, ou seja, a intercalação de vozes, de discursos, de enunciados. Desse modo, temos o texto-questão, cujo acabamento específico orienta a produção de seu sucessor, o texto-resposta. Cada um deles representa uma voz dentro da esfera educacional: professor formador e professor em formação, respectivamente. O nível de leitura solicitado pelo texto-questão é complexo o bastante para ser atingido somente através da etapa da interpretação. Isso significa que a produção do texto-resposta depende diretamente da relação que o professor em formação pode fazer entre o exercício do livro didático e o saber teórico adequado para analisá-lo, geralmente pertencente ao conhecimento prévio do leitor. Na Questão Interpretativa, esse conhecimento prévio a ser acessado é delimitado pelo próprio comando, que orienta as respostas à luz dos textos da coletânea.

O texto-resposta, portanto, lida com a interpretação, com a relação direta entre o exercício do livro didático e os textos da coletânea. Estes fazem o papel de conhecimento prévio, ao mesmo tempo em que são o objeto da aprendizagem. Quando o texto da coletânea é mobilizado para a leitura interpretativa do exercício do livro didático, ele ainda não pertence de todo à bagagem do professor em formação, mas, através da interpretação, esse professor realiza a retenção do conteúdo do texto, ele acrescenta esse texto – ou parte dele, em sua bagagem de conhecimentos prévios. No nível macrogenérico, ele adere ao discurso do texto mobilizado; no microgenérico, ele responde ao texto-questão de modo satisfatório.

Para ilustrar nossa análise, retomamos novamente um excerto do texto-resposta do Participante 8.

Travaglia (1996) também diz que a linguagem é lugar de interação humana, de interação comunicativa pela produção de efeitos de sentido

entre interlocutores, em uma dada situação de comunicação e em um contexto sócio-histórico e ideológico. Essa terceira característica diz que a linguagem é vista como interação humana, comunicativa com vários efeitos de sentido entre interlocutores. Percebemos isso pelo elo na comunicação dos enunciados, pela interação existente entre aluno, livro didático e professor. Exemplo: a) Que palavras substituem 'Fernanda' e o 'menino da festa' nas orações? A que classe gramatical pertencem? c) E os pronomes a e o, que os substituem, também são complementos verbais? Justifique.

A etapa da compreensão do texto de Travaglia (1996), presente na coletânea de textos do gênero aqui explorado, provê ao professor em formação a possibilidade de selecionar uma característica da concepção de linguagem como interação, expressa em:

Travaglia (1996) também diz que a linguagem é lugar de interação humana, de interação comunicativa pela produção de efeitos de sentido entre interlocutores, em uma dada situação de comunicação e em um contexto sócio-histórico e ideológico.

Apesar de o foco da atividade parecer cair sobre o exercício do livro didático a ser analisado, os textos da coletânea é que são diretamente trabalhados. O exercício da leitura prévia permite ao participante localizar com facilidade nos textos as características solicitadas. Quando ele as utiliza como filtro para analisar o exercício do livro didático, o que ele faz é realizar a leitura desses textos na etapa da interpretação. Desse modo, o saber específico sobre a concepção de linguagem como lugar da interação social – depreendida da leitura dos textos da coletânea, como o de Travaglia (1996) – passa pela etapa da leitura interpretativa e culmina na etapa da retenção, possibilitando a aprendizagem do conteúdo trabalhado e aderindo-o à bagagem prévia para futuras leituras.

## Conclusão

O gênero discursivo Questão Interpretativa desenvolve-se no projeto de aprendizagem de leitura como uma ferramenta muito eficaz. Além de fazer dialogar as vozes do professor formador e do professor em formação, possibilitando a interação entre eles, também favorece a aprendizagem dos conteúdos dos textos da coletânea.

Os resultados de nossa investigação indicam que a interpretação configura a interação entre o sujeito que a produz e seu(s) interlocutor(es), representados pelos textos que são retomados no gesto interpretativo. Assim, a interação social se dá

fortemente através da interpretação, e a Questão Interpretativa se configura como uma ferramenta de aprendizagem dessa etapa da leitura.

Por meio da exploração dos resultados apresentados neste artigo, apresentamos o gênero discursivo Questão Interpretativa enquanto ferramenta de aprendizagem a partir de estratégias que aproveitam a engenharia cognitiva da interpretação.

### Referências

- Acosta-Pereira, R., & Rodrigues, R. H. (2010). Os gêneros do discurso sob perspectiva da análise Dialógica de Discurso do Círculo de Bakhtin. *Letras*, 20(40), 147-162.
- Bakhtin, M. (2010[1979]). *Estética da criação verbal* (5a ed.). São Paulo, SP: Martins Fontes.
- Bakhtin, M., & Volochinov, V. N. (1990[1929]). *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do Método Sociológico na ciência da Linguagem* (5a ed.). São Paulo, SP: Hucitec.
- Beltrão, E. S., & Gordilho, T. (2006). *Novo diálogo: Língua portuguesa, 6ª série 7º ano*. São Paulo, SP: FTD.
- Fiorin, J. L. (2006). *Introdução ao pensamento de Bakhtin*. São Paulo, SP: Ed. Ática.
- Geraldi, J. W. (1997) Concepções de linguagem e ensino de português. In: J. W. Geraldi (Org.), *O texto na sala de aula* (p. 41-48). São Paulo, SP: Pedro & João Editores.
- Machado, D. L. P. (1999). Os gêneros e a ciência dialógica do texto. In C. A. Faraco, C. Tezza, & G. Castro (Orgs.), *Diálogos com Bakhtin* (2a ed., p. 225-272). Curitiba, PR: Editora da UFPR.
- Menegassi, R. J. (1995). Compreensão e interpretação no processo de leitura: noções básicas ao professor. *Revista Unimar*, 17(1), 85-94.
- Menegassi, R. J. (2010). Perguntas de leitura. In R. J. Menegassi (Org.), *Leitura e ensino* (2a ed., p. 167-189). Maringá, PR: Eduem.
- Perfeito, A. M. (2005). Concepções de linguagem, teorias subjacentes e ensino de língua portuguesa. In A. R. Santos, & L. C. B. Ritter (Orgs.), *Concepções de linguagem e o ensino de língua portuguesa* (p. 27-78). Maringá, PR: Eduem.
- Rojo, R. (2007). Gêneros do discurso e gêneros textuais: questões teóricas e aplicadas. In J. L. Meurer, A. Bonini, & D. Motta-Roth (Orgs.), *Gêneros: teorias, métodos, debates* (2a ed., p. 184-207). São Paulo, SP: Editora Parábola.
- Silva, E. T. (1998). *Criticidade e leitura: ensaios*. Campinas, SP: Mercado das Letras.
- Sobral, A. (2009). Ver o texto com os olhos do gênero: uma proposta de análise Bakhtiniana. *Revista de Estudos do Discurso*, 1(1), 85-103. Recuperado de <http://revistas.pucsp.br/index.php/bakhtiniana/article/view/3000/1931>
- Travaglia, L. C. (1996). *Gramática e interação: uma proposta para o ensino de gramática no 1º e 2º graus*. São Paulo, SP: Cortez.
- Volochinov, V. N. (1926). A palavra na vida e na poesia: introdução aos problemas da poética sociológica. In M. Bakhtin, & V. N. Volochinov (Eds.), *Palavra própria e palavra outra na sintaxe da enunciação* (p. 145-181). São Carlos, SP: Pedro & João Editores.

Received on January 29, 2015.

Accepted on October 21, 2015.

License information: This is an open-access article distributed under the terms of the Creative Commons Attribution License, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the original work is properly cited.